

Arte e cultura regional

Odinéia Andrade

(Professora, pesquisadora e membro do Conselho de Arte do boi-bumbá Caprichoso)

O Caprichoso já teve vários donos e vários presidentes. Nós podemos citar alguns dos nomes que foram intitulados donos do Caprichoso, como os irmãos Cid, Nascimento Cid, Emídio Vieira, Luís Gonzaga, Nilo Gama, Ermino Leocádio e Luís Pereira, seu último dono. A partir de 1982, o Caprichoso se instala definitivamente onde hoje é o curral de Zeca Chibelão e passa a ser dirigido por uma Diretoria. Esse momento, de corte umbilical, pode-se dizer, causou tristeza no coração daquele que administrava o boi no seu terreiro, no seu quintal, o último foi seu Luís Pereira. Então, quando se conversa com ele: “Seu Luís, vamos lá no curral”. Ele não vai, ele se sente muito distante do boi. A gente tem feito o possível para trazer o ontem ao hoje do boi.

Nessa época, considerada romântica, o boi saía às ruas iluminadas pela luz da lamparina e era uma brincadeira mais saudável, mais pele na pele, de mais pé no chão, mais corpo a corpo. Era um boi-povo e juntos percorriam ruas, casas e bairros. Era um conagraçamento de fé e de amor.

Quando o boi se instalou definitivamente no seu curral, foi administrado por vários presidentes. Quando, nas ruas, ele fazia o teatro do tira-língua e o dono da casa comprava língua, dava uma certa importância em dinheiro, que era entregue no final para o dia da fuga do boi. O boi, hoje, tem um padrinho, não como antigamente, é um padrinho mais simbólico. Porque o boi hoje não vive mais do dinheiro do padrinho, nem do dinheiro da comunidade parintinense, vive é do dinheiro, pode-se dizer, do Brasil. Isso é muito importante para nós no momento. Mas nós nos questionamos muito também. O parintinense tem que pensar na sua festa, ele tem que começar a pensar em como gerar recursos para este boi. É um questionamento muito grande não só nosso, não só de alguns parintinenses, mas talvez quem sabe





da comunidade toda, de todas as pessoas que visitam Parintins.

O Caprichoso, na verdade, tem contribuído bastante para o despertar e o fortalecimento da cultura parintinense e, por que não dizer, amazonense também? Foi o boi que levou um pouco as nossas autoridades a se voltarem para a classe [sic] indígena, dos nossos irmãos indígenas. Com certeza, alguém vai dizer: “não, ela está mentindo”, mas é a pura realidade. Os bois despertaram este sentimento nativista que estava adormecido dentro de nós. Embora tenhamos a gota indígena circulando em nosso sangue, a gente não se preocupava muito com eles, e, embora de uma maneira estilizada, o boi mostra o índio, canta o índio, e faz com que todo mundo se volte um pouco para estudar essa cultura. Eu já ouvi jurados que passam por Parintins dizerem o seguinte: “eu vou buscar saber sobre a tribo x, que muito me interessa. Eu quero conhecer os usos, os costumes dessa tribo tal”. Então, isso é muito importante. Nós estamos fazendo este despertar de sentimento, que estava um pouco adormecido. Eu me orgulho em dizer que o boi de Parintins contribuiu muito para isso.

Quando o boi contrário (com licença, Fred) retirou o teatro do Pai Francisco e Mãe Catirina – o tira-língua –, nós ficamos apavorados, porque eu acho que tradição e modernidade devem caminhar juntas. Eu não sou contra crescer, não sou, por hipótese nenhuma, mas a gente tem coisas que devem ser respeitadas. Então, quando tiraram o teatro do tira-língua do Garantido e nós mantivemos no ano de 1982, quase fomos vaiados no Bumbódromo. E então, tivemos que acompanhar o boi contrário. É a evolução. Hoje, a gente questiona, por que não volta? Porque nós modernizamos tanto que vai chegar a um ponto em que o boi deixará de existir, ele vai aparecer apenas como uma figura decorativa no contexto do boi-bumbá. Parece engraçado!

Bom, então procuramos para esta mudança todo um outro caminho e encontramos nessa cultura amazonense o caminho que nós queremos. E a partir desse momento também o parintinense passou a se encontrar com sua identidade cultural. Parece incrível, mas é verdade. Nós passamos a nos interessar mais pelo que nós temos, pelas nossas histórias, pelas nossas tradições, pelas nossas lendas, pelos nossos mitos, pelos nossos costumes, enfim, começamos a despertar para aquilo que nós somos na realidade, e para aquilo que nós temos na realidade. Ao passarmos a cantar e contar os mitos e as tradições, os usos e costumes, impregnados no nosso sangue caboclo, a partir desse momento, nós passamos a nos orgulhar de sermos parintinenses, de sermos amazonenses, embora inseridos num contexto Brasil, porque nós



somos Brasil, porque, queiram ou não alguns, muitas vezes o Brasil esquecia do Amazonas, e, muitas vezes, Parintins, coitada, se acabava no tempo e no espaço. Então, gente, com isso eu quero dizer pra vocês, que o Caprichoso fez os parintinenses arrancarem a felicidade dos braços de Jurupari, que era uma lenda, e essas lendas e esses mitos passaram a enriquecer, a embelezar a nossa festa no Bumbódromo. E se vocês quiserem sentir um pouquinho mais do que seja isto, quem não conhece, dispa-se um pouquinho e chegue a Parintins nos dias 28, 29 e 30. Obrigada.

Fred Góes

(Jornalista, compositor e membro da Comissão de Arte do boi-bumbá Garantido)

Eu queria, primeiro, dar algumas informações sobre o meu envolvimento com o boi, meu envolvimento como pessoa. Eu tenho 52 anos, e minha mãe era irmã do fundador do boi, Lindolfo Monteverde. Ela sempre me levava pelas mãos para ir aos ensaios do boi que não eram na Baixa do São José, o nome original era “Baixa da Xanda”, que era o nome da mãe do fundador, Dona Alexandrina Silva. Então, o nome do local mesmo era Baixa da Xanda. São José, porque o meu avô tinha um sítio muito próximo, quase colado à Baixa da Xanda, e daí acabou absorvendo o nome do sítio São José. Posteriormente, o bairro todo veio a se chamar São José.

Bom, eu quero esclarecer isso para dizer que essa questão da cultura regional passa por uma formatação, não é uma coisa muito do dia para a noite, a meu ver. Veja bem, eu fui criado... Quando assistia ao boi, minha mãe me levava, começavam os ensaios, minha mãe me levava primeiro ao Garantido, no outro extremo da cidade; o Caprichoso, na época, era mais perto, era no Rio Branco, na casa do Sr. Luís Gonzaga, e, depois de um tempo, ela fazia o percurso de volta e me levava até o Caprichoso. Então, quando criança, quando menino, eu tive a oportunidade de ver esse desenvolvimento dos dois bois.

Eu fui embora para São Paulo por necessidade de estudos, com 16 anos, em 1965. Estudei e me formei em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, e descobri uma vertente minha, já jornalista, a de músico. Comecei a tocar, me interessei pela música, e acabei abandonando o jornalismo por um tempo, me dedicando à música, e fui compor. Lá em São Paulo, encontrei uma figura de Parintins, o Chico da Silva, que estava lá por coincidência. Eu fazia estágio na TV Gazeta, que era da Fundação da escola onde eu estudava, ia haver um espetáculo gravado pela televisão do qual o Chico participou, e me encontrei com ele no elevador. A partir desse





encontro, nós passamos praticamente um mês andando por São Paulo e conversando sobre as questões de Parintins, especialmente a questão do boi. Eu estava totalmente desligado de Parintins, eu havia ido com a determinação de estudar, então me desliguei totalmente do pessoal de Parintins.

Nesse contato, nós começamos a descobrir que na realidade nós não estávamos desligados, estávamos abraçados, totalmente presos a Parintins. O Chico dependia muito de uma pessoa chamada Venâncio Cavalcante de Albuquerque. Para vocês terem um conhecimento melhor, ele é pernambucano, foi daquela dupla antiga Venâncio e Curimba, que cantava aquela música: “(...) eu amarrei o boi no pé da canjarana, eu quero um boi amarrado...”; uma outra música para vocês lembrarem bem do Venâncio, eu estou citando isto para vocês entenderem depois onde eu quero chegar. Venâncio fez outra música: “...só deixo o meu Cariri no último pau de arara”. Então, quando eu falo que o Chico dependia dele, na realidade não era dependência econômica, não. O Chico era orientado pelo Venâncio. O Venâncio era um grande poeta e um grande escritor, e ele orientava... Eu já o conhecia bem, antes do Chico, já conhecia Venâncio através da Associação dos Poetas, Repentistas e Folcloristas do Braz, em São Paulo. A partir daí, nós levamos esta discussão, essas nossas preocupações com o boi para o Venâncio, em 1973 ou 1972, e ele tinha sido nomeado diretor musical de uma gravadora, a Crazy, em São Paulo, e decidiu fazer um disco com o Chico. Então, na época, o Chico estava apaixonado pelo carimbó, apesar de ele cantar samba, o Chico na realidade era sambista. O nome dele no meio de São Paulo não era Chico da Silva, era Chico Samba, ele era sambista mesmo, mas ele estava apaixonado pelo carimbó, e ia gravar dois carimbós. Aí, na noite em que ele ia gravar, eu estava lá, o Venâncio disse: “vem cá, canta aí as músicas lá dos bois de vocês”. Nós passamos esta madrugada cantando toadas, tanto do Garantido quanto do Caprichoso. Quando foi na manhã seguinte nós estivemos com Venâncio, que disse: “olha, tem que tirar um carimbó desses para gente deixar espaço para uma toada de boi lá de vocês”. Como o Chico tinha um envolvimento mais com o Caprichoso e eu com o Garantido, nós deixamos para ele escolher. Ele acabou escolhendo uma toada do Garantido, e como as toadas antigas eram pequenininhas e eles tinham intenção de dar um formato mais musical à toada, eles complementaram a toada. Então, o Chico acabou gravando “Chegou o Boi Garantido, todo bonito, cercado de lança”. Participou, nesta época, da gravação, o Hermeto Pascoal e um grande músico argentino chamado Hector Costita, tocando flauta transversa. Quando terminou a gravação e o disco ficou pronto, ele disse: “olha eu não sei se vai



vender, mas isso vai ser uma grande força para o boi de vocês lá em Parintins”, e deu uma caixa para Chico, e o Chico mandou imediatamente para Parintins. Então, veja bem, pra mim esse foi o primeiro momento de uma preocupação com o boi do qual nós estávamos afastados. Eu, sinceramente, não tinha a menor noção do que ocorria com o boi em Parintins, perdi o contato totalmente. E depois nós cantávamos tocando, já profissionalmente, com um grupo de música latino-americana e encerrávamos o espetáculo com vinte minutos de boi-bumbá, cantávamos toadas do Garantido e do Caprichoso, já com cordas, com violinos, charangos e bongoleuelos.

Em 1985, eu retornei a Parintins e vim fazer um espetáculo no Teatro Amazonas a convite do Lino Chíxaro, que era o Secretário de Cultura na época, e acabei ficando. Fui a Parintins assistir ao Festival, eu não conhecia o Festival. Fiquei em Parintins, abri um jornal e comecei a trabalhar. Era difícil sobreviver de música em Parintins, então, decidi abrir um jornal, e trabalhei com este jornal dez anos, só que nesses dez anos, na realidade, eu fui absorvido pelo boi, e acabei fechando o jornal, e estou até hoje no boi.

O boi como arte, aparentemente, parece muito espontâneo, tudo parece muito espontâneo, mas eu creio que o parintinense já vinha elaborando isso de transformar o seu boi realmente num boi que chamasse a atenção do mundo ou alguma coisa assim. Eu vou ilustrar com uma toada do Ambrósio. Quando Gagarin subiu ao espaço, o Ambrósio fez uma toada:

*...vocês querem saber se ela é um planeta habitado,
se eles disserem que é,
eu vou brincar de boi na lua,
vou deixar o meu São José.*

Eu sempre cito esta toada como referência, porque, veja bem, uma cidadezinha que não tinha luz, onde o boi era a única fonte musical, porque nós não tínhamos rádio, só os mais abastados tinham dinheiro para ter um “transglobo” para pegar a rádio Globo do Rio de Janeiro, mais ninguém tinha. Na realidade, os cantadores de bois eram os Nelson Gonçalves, os Roberto Carlos da época, eram eles que faziam os grandes espetáculos para a comunidade. Tinha, claro, as quadrilhas, mas a música, pro parintinense curtir, era o boi, isso é uma coisa enraizada mesmo no parintinense e em qualquer tipo de intelecto parintinense, tanto faz ser pescador como professor ou engenheiro, o boi tá ali arraigado mesmo.





Então, o boi tá para Parintins como um produto para uma grande empresa, e esse produto o parintinense trabalhou, ele percebeu que tinha isso. Em certo momento ele percebeu isso. Então havia uma discussão quando isso começou a ocorrer em Parintins, que era: “Ah, o boi vai embora pra Manaus, vão tomar o boi de Parintins”. Houve essa preocupação e é bem recente essa preocupação com o boi de Parintins sair, porque ele estava se tornando realmente um produto muito forte, e produto é uma coisa que sai mesmo e vai embora. Essa preocupação surgiu. Então, eu acho que a tendência é levantarmos os nossos elementos culturais, formatarmos como estamos formatando, acho que o boi já deu a contribuição do formato cultural para a Amazônia, não que o boi vá ser a cultura única da Amazônia, pelo amor de Deus, nem deve ser, mas ele chacoalhou a estrutura de toda a Amazônia, ele mexeu com essa estrutura, ele fez com que todo mundo acordasse, visse que nós existimos.

Não é axé, não é baião, não é bumba-meu-boi, é boi-bumbá. Então, essa arte veio com o parintinense, porque o parintinense tem isso, ele sempre teve isso. Não queria que se associasse a um ato de gabolice, de presunção não, é porque ele sempre teve isso. O parintinense sempre disse lá fora: “sou de Parintins”. Ele nunca disse: “sou do Amazonas”. Não por desfazer do Amazonas não, é que é uma questão daquela força da cidade, talvez por sermos ilhéus, por sermos uma ilha, mas o parintinense tem isso. Essa força foi que fez com que isso tudo acontecesse. Mais ainda, o parintinense saiu de Parintins. Ele saiu para estudar, ele não ficou lá preso só às suas raízes, não. Ele foi conhecer outras raízes, ele foi para fora e ele voltou. O parintinense vai embora lá pro Japão, ele se forma, ele trabalha, mas, um belo dia, meu irmão, canoa rumo a Parintins. Então, essa força pra mim é que transforma esse produto do boi, que fez esse produto do boi.

Não estou falando aqui como Garantido, como pessoa que veio aqui pra defender o Garantido como boi, mas vim para falar de boi de Parintins como força realmente. A professora Odinéia falou sobre terem tirado do auto do boi as figuras de Catirina e Pai Francisco. Eu acho que é um exemplo pequeno. Se nós pegarmos os universos de aberrações que ocorreram dentro do boi: miss dentro do boi! Isto foi uma discussão de 1985 pra cá. Tem que tirar, tem que acabar. Claro, no primeiro momento, nós temos que reconhecer isso, nós nos fragilizamos. Nós sabemos, essa discussão, ela ocorreu, em Parintins, e ocorre até hoje.

Então, essa preocupação do produto, a gente sabe, hoje em dia a gente tem consciência de que o produto do boi-bumbá em Parintins é um produto bom,



não só pra Parintins, ele é um produto bom para o Amazonas, mas acontece que nós não podemos começar a agregar, por querer transformar isso num produto vendável, com uma força de venda muito grande, começar a fantasiar este produto com coisas que não são próprias dele mesmo.

Então, já que a professora Odinéia tocou nesta questão de 1982, eu vou tocar na questão musical. Pra mim, foi a pior, a maior aberração que já houve. O que eu vou falar aqui não é uma questão de crítica musical, ou crítica às pessoas que fizeram este trabalho. Eu acho que a música é música, e nesse ponto eu sou universal mesmo, gosto de música de tudo quanto é canto do mundo, eu não tenho preconceito contra nada, nenhuma música, a não ser os emergentes aí, que querem vender milhões de cópias com besteira. Mas as músicas das regiões, com suas peculiaridades culturais, são sempre excelentes. Mas tivemos um problema gravíssimo, e eu vou contar isso, porque é importante nesse processo da arte, da nossa arte regional. O Caprichoso foi tricampeão, vindo num processo como um turbilhão que desencadeou o que a gente chamou de “ritmo quente”. Acabou marcando um momento, e ninguém pode contestar isso. O ritmo quente, não a música ritmo quente, mas o estilo ritmo quente, inconsciente, caiu no axé music. Procurou o axé music, tentando se projetar para se levar para uma identidade mais pra a juventude, que é ligada mais no axé. Chegou o momento que nós, no Garantido, em 1999, eu lembro da primeira reunião, eu disse: “olha, se nós perdermos para o Caprichoso, o boi-bumbá de Parintins vai pro buraco”. Porque nós do Garantido vamos ser obrigados a correr atrás como o Caprichoso, de repente, como a professora Odinéia lembrou, correu atrás do Garantido, por ter tirado Catirina e Pai Francisco do auto, das apresentações. Então, nós tínhamos essa preocupação: nós temos que ganhar, porque se nós perdermos, nós vamos ser obrigados a transformar o nosso boi em ritmo quente também, porque os nossos torcedores já cobravam da gente: “Oh, é animado, meu irmão, é isso aí”. Então, esse risco nós passamos, e, felizmente, nós ganhamos o Festival.

As pessoas, eu não quero citar nomes, porque inclusive são amigos meus, que dominavam o direcionamento musical no Caprichoso, estavam levando para este caminho. Felizmente, em 2000, o Caprichoso veio com um discurso diferente. Isto faz parte da retomada, e tem que retomar mesmo. Não tem como ir pra frente sem tornar grande aquilo que você teve no passado. Você tem que ter consciência disso. Então, hoje o discurso do Garantido e do Caprichoso, felizmente, me parece que está igual. Não sei o que vai acontecer na arena, não posso dizer, mas pelo que eu sinto, e pela minha intuição,





eu acho que os dois bois caminham pra retomada, não de trazer de volta o passado – isso é uma besteira muito grande –, mas de se projetar o passado aqui, onde nós estamos. Acho que nós temos como fazer isso, tornar grandioso aquilo que foi no passado, agora. Porque nós temos um palco maior, mais dinheiro e temos mais condições de dar esta grandiosidade, que precisa ser dada a esse formato, que a gente tinha no passado, não que a gente vá cair na besteira de querer acabar, como querer cantar sem harmonia. Tem muita gente que criticou muito a questão da harmonia no boi. Eu acho que tem certas coisas que são necessárias. A harmonia no boi era uma coisa que dificultava muito, principalmente no processo em que nós estávamos. O boi, se você pegar de 1994 pra trás, quando o Caprichoso colocou, pela primeira vez, os teclados na arena, não tinha cantor bom pra cantar dentro do Bumbódromo, porque eles eram desafinados mesmo, porque não tinha referência à harmonia. Então, essa nossa arte tem que ser aperfeiçoada. Tem que ser, não dá pra tocar com violão feito a machado quando eu tenho um violão elaborado, que vai me dar uma sonoridade melhor, isso é natural. Exatamente por isso que as pessoas se aperfeiçoam, e fazem instrumentos melhores, senão vamos ficar lá naquele com corda de tripa de carneiro, da antiguidade. Acho que essa evolução foi necessária e que nós avançamos nessa retomada.

Hoje, vivo falando isso desde 1999, nós não precisamos sair da Amazônia pra buscar fundamentos pra gente fazer nosso boi, nós não precisamos sair da Amazônia pra pegar mitos fora de nossa Amazônia. Nós temos um universo muito grande. Eu acho que o boi tem que ir nesse caminho, e, para mim, vai nesse caminho. Isso é intuição, eu senti ano passado a retomada forte do Caprichoso. Sinto que é por aí, sinto que o caminho é esse. Não adianta a gente querer buscar elementos de fora, nós temos elementos aqui, grandiosos e perfeitos.

Eu quero citar um momento incrível que eu presenciei em 1999, do Hans Donner. Ele entrou na sala de artes do Garantido, nós abrimos os vidros que dão pro galpão e ele disse: “Olha, o que eu tou vendo aqui não existe, isso que vocês tão fazendo aqui não existe, isso é um trabalho, uma coisa que nasceu aqui com vocês, nunca vi isso em lugar nenhum”.

Então, veja bem: essa força é uma força, que veio lá da ilha. Claro, tem seus fundamentos, aquilo não caiu do céu. Mas Parintins deu valor a isso. O grande gancho para a gente segurar o boi, o boi de Parintins, o boi da Amazônia, o boi do Amazonas, o boi que hoje divulga a Amazônia, foi a



gente estar colado uns aos outros. Aqui o processo na Universidade é mais importante ainda, porque quem está aqui, está aqui pra pensar mesmo, pra pensar no específico. O encontro está acontecendo no melhor momento possível, porque nós necessitamos realmente de informações, de luzes que nos dêem forças para que a gente não perca os dados que nós temos de lá do passado, pra gente continuar forte.

O boi é uma brincadeira, o boi é uma coisa, é a coisa mais divina pro parintinense, por isso é que as pessoas se encantam, porque é uma coisa que aconteceu lá quando a gente era criança, mas continua agora. Nós continuamos adultos e a emoção é a mesma, e isso está perto da gente lá. Por que as pessoas se impressionam? É por causa dessa força. Eu sempre digo: o boi tem a capacidade de transformar o seu Baranda, que é um grande empresário em Parintins, em um carregador de saco na hora que é preciso, porque ele tem que pegar no saco mesmo, pôr nas costas e levar. Então, o boi nivela mesmo, ele nivela porque é só emoção, não tem jeito.

Eu sinto que nós estamos num momento de muita reflexão. Nós estamos passando hoje por um processo no Garantido que não admite “achismo”. Meu irmão, não chute, pelo amor de Deus, não venha com eu acho que não vai dar certo, entendeu. O achismo no Garantido foi embora em 1999, com certeza. Não tem eu acho, não; ou eu sei ou eu não sei. Claro que isso teve um preço, custou caro. Os grandes artistas estavam acostumados a entrar no galpão e pensar: eu sou bom (e são bons mesmos), e começavam a pensar e fazer o que lhes vinha na cabeça. Saíam coisas maravilhosas, mas também saíam coisas absurdas. Eu não lembro o ano, mas deve ter sido em 95, 94, o Garantido entrou com o tal de Chupa-Chupa. Era um disco voador, que caiu literalmente de pára-quedas dentro do espetáculo. Então veja bem, até tinha na época como fundamentar isso, mas nem isso tiveram o cuidado de fazer. Não estou fazendo uma crítica como se eu estivesse fora disso, não. Eu estava por aí também, eu estava dentro do processo, mas em 1999, nós tivemos uma discussão. Na realidade, essa discussão começou em 1998, mas não foi possível se praticar, porque ainda havia certas cabeças no boi, que agiam muito na base de “eu decido, eu pensei e é melhor...” Então, tinha muita gente ainda assim. Agora é nós pensamos, e nós decidimos.

A prova de que a gente pode fazer uma coisa grandiosa, sem nos dispersarmos, é que nós fazíamos um boi bonito... Claro que o boi necessita desta rivalidade, eu quero lembrar uma coisa aqui, que eu falei pro Professor Sérgio há muitos anos quando ele esteve em Parintins fazendo um trabalho.





Eu disse: “olha, essa brincadeira na realidade é uma brincadeira de aula, o Garantido tem que dar uma aula no Caprichoso, como o Caprichoso tem que dar uma aula no Garantido. Os professores do Caprichoso têm que ser melhores que os do Garantido pra dar uma aula no Garantido, como os professores do Garantido têm que ser melhores professores pra dar uma aula no Caprichoso. Esse foi o meu discurso na época pra ele, eu acho que ele ainda lembra disso. E eu falava: a finalidade é essa. A gente tem que crescer em função disso. Então, a rivalidade acontecia e acontece nesse âmbito.

Fechando, eu digo o seguinte: todas essas informações do boi que eu falei aqui têm que servir pra aperfeiçoar o boi. E de repente nós que estamos lá, por exemplo eu vim aqui pra falar pra vocês, e eu tô falando dentro de um sentimento meu, num processo de trabalho, entendeu. Então quem vai organizar isso, quem vai organizar ou reorganizar tudo isso que acontece com a arte do boi, eu acho que provavelmente são os estudiosos, mesmo, das universidades, porque nós já estudamos pra fazer o boi. Depois que a gente faz, fica por aí e tem que ter alguém pra organizar e pôr isto no papel. Obrigado (aplausos).

José Mayr Mendes

(Bacharel em Ciências Sociais/UA, ator e artista bonequeiro)

Autenticidade é um recorte que eu estou fazendo, e que fiz no trabalho, a respeito de discussões em torno de Festival Folclórico de Parintins. Isso tem mais a ver com pessoas – como a professora Odinéia Andrade, que aqui se encontra, a quem a gente recorreu e entrevistou – que são consideradas por mim como ideólogas do Festival. Pessoas que são consultadas a respeito das apresentações. Enfim, um recorte metodológico: é que eu me remeto a uma interpretação de discursos e práticas, principalmente que são um discurso verbal. São entrevistas que eu realizei e tentei observar um pouco pela minha própria experiência como parintinense, mas também como uma pessoa que assistiu muitos festivais e tentando interpretar esse tema, que é um tema recorrente, que é essa idéia de autêntico, que eu reconheço como tal, mas a partir de outros temas, que são o folclórico, o regional.

Em primeiro lugar, hoje eu penso que é importante pensar a idéia de ideologia. E eu gostaria de colocar a ideologia como um sistema de idéias e conceitos voltados para o comportamento político ou relações de poder; e que



se apresentam como justificativas. Se eu considero o Festival Folclórico de Parintins como uma entidade, como uma instituição, então eu estou me remetendo às justificativas, a um plano em que é necessário justificar por que se faz aquilo; qual é a dignidade, qual é o valor, qual é o respeito, qual é o sentido último, principal e genérico, de se realizar um festival como esse. E, em seguida, eu queria colocar a idéia de uma ideologia interna. O que eu quis dizer com isso é que as discussões que a gente vê a partir da década de 1980, e durante a década de 1990, sobre algumas mudanças que acontecem no Festival, é uma discussão externa ao festival em si, como ele é organizado ali, no local, pelos parintinenses ou pelas pessoas envolvidas diretamente. Então eu chamo isso de ideologia interna. É um termo ainda precário, que exige mais aprofundamento. Esses ideólogos do festival, como eu disse, são pessoas que influenciam diretamente essas performances. E eu vou me remeter à idéia de discurso, que são expressões de várias ordens, principalmente verbais, que manifestem justificativas para os fenômenos, orais e escritos; e que fazem circular um saber e uma autoridade, e a definição de um objeto, uma instituição, que é esse Festival Folclórico de Parintins, que envolve os bois-bumbás.

Metodologicamente, é necessário lembrar que estou enfatizando um olhar sobre a diferença, sobre o conflito. Eu queria perceber um conflito intrínseco a essas categorias definidas como legítimas, e esse conflito envolve um drama, que muitas vezes não é expresso pelas apresentações. São lutas, são disputas; não necessariamente entre os bois. São disputas por essas categorias que a gente vai definir melhor. Esta instituição a que me refiro é uma entidade social, ideal e prática em torno da qual, e a partir da qual, os discursos são mobilizados, são definidos e são criados. Eu gostaria de fazer aqui uma aproximação com a obra de Michel Foucault, onde ele trabalha a idéia de instituição como mobilizadora de discurso. Claro que aqui nós estamos trabalhando uma coisa bastante diferente do que a obra do Foucault coloca sobre as instituições no plano educacional, político propriamente dito, e as instituições presidiárias, carcerárias; mas, eu estou querendo colocar que uma instituição, enquanto um valor, enquanto mobilizadora de comportamentos e de práticas, ela envolve um saber, e esse saber envolve uma autoridade, uma autorização. Então, a gente pergunta: quem são as pessoas que vão dar autoridade? Hoje nós estamos em um debate em plena Universidade, e de certa forma nós estamos envolvidos nisso, que é um debate em torno de uma autoridade: quem é que vai falar melhor sobre o Festival? Será que é um acadêmico? Será que é uma pessoa comum? Nós estamos vivenciando ainda esse processo, é uma coisa em ato.





Eu queria trabalhar também a noção de legítimo, como uma justificativa no plano jurídico e político, denotando um valor superior e desejável. Quando eu falo de legitimidade, ela tem vários aspectos... Quando a gente pensa o Festival Folclórico de Parintins, os bois-bumbás, podemos pensar que existem mil e uma justificativas, que podem ser colocadas a partir de alguns temas como é esse folclórico, e que podem demandar ações, práticas, pra além do Festival, alguns projetos culturais, algumas propostas de mudança e de associações, parcerias, enfim. Então, o festival eu vejo um pouco por aí.

Há o tema também das identidades coletivas, onde eu percebo a inserção do tema da autenticidade trabalhado por Walter Benjamin, quando ele fala da reprodutibilidade técnica dos objetos, quando ele percebe que a possibilidade da indústria reproduzir objetos, a reprodução destrói essa aura do objeto. Essa aura é uma magia, uma dignidade superior, e, de repente, quando a indústria cria formas, ou ela grava registros fotográficos, por exemplo, quando ele permite reprodução, aquela aura daquele momento único se esvai.

Quanto à autenticidade ligada a pessoas, a gente percebe essa idéia de sinceridade e de individualidade, isto é, no sentido de que aquilo eu faço naquele momento representa algo em que eu me desenvolvo enquanto pessoa, onde eu mobilizo o meu interesse, a minha dedicação, enfim, nesse sentido de sinceridade nas relações sociais, de sinceridade no trato com o que eu faço, com relação a pessoas. Individualidade e singularidade como uma coisa específica, que não é repetível, uma pessoa única e singular. Eu queria fazer algumas aproximações com essas idéias.

As identidades são percebidas, é um tema comum da Antropologia, como criadas, como definidas, como definição das subjetividades, mas que envolvem também lutas, que envolvem constantes disputas. Essas identidades coletivas não são estanques; elas são móveis, dinâmicas e elas são relacionais, porque eu nunca defino o meu ser, a minha identidade ou o grupo enquanto tal, como identidade coletiva, a partir de um ponto de partida único. Eu defino a partir de relações e essas relações muitas vezes fogem ao controle do racional. São racionalizáveis, mas são definidas por discursos e práticas. Ou seja, eu discurso sobre quem nós somos, nós discursamos sobre quem nós somos, e nós deparamos com o outro em vários níveis, tanto no nível, por exemplo, do festival folclórico, que a gente percebe dois bois-bumbás, mas também a gente define o outro, quem seria esse outro pra quem é apresentado: o pessoal de fora, o visitante, do Brasil ou do exterior. Então, são processos que definem também hierarquias, são estruturas sociais que re-



presentam valores dos mais dignos, do superior ao inferior; e que são representados, como num ritual. Esse ritual vai definindo, inconscientemente ou não, esses lugares, que essas pessoas, esses símbolos, vão ocupando efetivamente na memória e na ação das pessoas. Eu queria perceber também essa idéia das identidades como um fenômeno político, fazendo um recorte em torno do qual essas estruturas, os discursos e as ações se elaboram.

Agora, a gente faz uma aproximação com uma idéia de nação. É muito já discutido que a idéia de nação brasileira vai surgir ao mesmo tempo com a invenção do Brasil, como uma necessidade a partir de um sentimento de inadequação. De repente, nós nos sentimos brasileiros, com o Estado brasileiro, mas essa instituição é um modelo criado pelo outro, e, de repente, nós somos o outro, é a discussão da época, em menor escala, depreciado. Nós precisamos definir essa originalidade, o que é o Brasil? Esse Brasil vai ser definido na Literatura, nas discussões culturais, nos romances como, por exemplo, o herói nacional, que é o índio. Nós temos o Romantismo, que apresenta a figura do índio idealizado, uma tentativa de definir o que é mais autêntico, mais original, brasileiro. A gente remete, então, à idéia de memória e tradição, percebendo nesse processo de criação das identidades nacionais uma invenção. Então, eu percebo, aqui, tradição não como um elo do presente, um elo que informa o presente; mas tradição como uma invenção desse passado. A gente remete a Eric Hobsbawn, que tem um livro chamado *Invenção das Tradições*. Ele escreve sobre uma série de práticas culturais, onde se percebe que há uma necessidade de se inventar esse passado, de se recuperar esse passado, esse elo perdido. Essa memória, muitas vezes, não é registrada, ela não tem registros escritos, registros confiáveis. É uma memória de tradição oral, é essa memória que a gente tem que ver como escolhas. Essas escolhas são frutos de relações de disputas; e percebe-se que algumas coisas vão sendo optadas e outras descartadas, é o processo natural da memória. Eu queria chamar atenção para uma tradição inventada.

Agora, nós temos a possibilidade de pensar a luta entre as novas gerações para destruir o passado e inventar o presente, que é sempre justificado por alguma base. Um exemplo claro são as vanguardas artísticas, quando a gente pensa nas vanguardas do século XIX, por exemplo do teatro, que tentavam reinventar o passado. Eu lembro agora de Appolinaire, que tentava recuperar o teatro grego a partir de um *vaudeville*, a partir de uma quebra daquela estrutura necessária. A gente tem esses temas para uma tarefa de interpretação de um auto-exorcismo, pelo fato de pensar esses temas a partir de um ponto de vista local. No caso do Festival, para ser mais sintético, eu o queria





colocar uma entidade, que envolve uma disputa básica. Essa disputa tem um elemento que entra em contradição com esse aspecto de ideologia nacional, regional, local, que é o fato de ser uma disputa. E o fato de ser uma disputa nos remete a uma estrutura parecida com a do carnaval, ou com a do futebol, que são estruturas que envolvem torcidas, e o jogo é para ganhar. Então, isso aí é uma coisa, quando nós falamos de autenticidade, cultura regional, de folclore, etc., estamos falando de algo que deve obrigatoriamente estar ligado ao suposto passado. Esses dois elementos se chocam o tempo todo, e envolvem muita polêmica, como é a introdução de alguns itens, e o descarte de outros, do julgamento: cunhã-poranga, um lugar da miss do boi, etc.

Queria lembrar um outro elemento que se atualiza no boi, que é a rivalidade. A rivalidade, que é física e poética. Eu chamo de rivalidade física a porrada mesmo, que rolava mesmo, que é a história de um certo delegado, que manda queimar o boi em uma briga, isso no passado. O Festival, ele vai domesticando isso, ele vai limitando esse espaço.

Na idéia do Festival Folclórico de Parintins, desde o início; o seu modelo é o Festival Folclórico do Amazonas. No final da década de 50, um intelectual, Ramayana de Chevalier, um escritor amazonense, coloca uma justificativa toda em cima do Festival Folclórico do Amazonas. E, pela criação do Festival Folclórico de Parintins, a gente percebe os mesmos elementos: preservação do folclore, uma homenagem ao passado, uma busca de revalorização das tradições, onde há uma conotação de sagrado. Eu queria colocar basicamente esse problema, que é a conclusão do meu trabalho: nós temos no fundo uma disputa, uma luta por legitimidade; e essa legitimidade seria definida em função desse passado que é inventado. É um campo crítico, é um campo aberto onde envolve lutas acirradas, e que nós estamos tentando descrever para que possamos ver melhor as nossas próprias diferenças internas, e que a gente possa também evoluir sem idealizar esse passado, que esse passado possa ser percebido como essencialmente dinâmico. Eu acho que temas atuais são extremamente interessantes.

Roosevelt Max Sampaio Pinheiro

(Artista plástico e mestrando da Escola de Belas Artes/UFRJ)

Eu nasci em uma comunidade ribeirinha no Paraná do Corocoró, que fica próximo à cidade de Parintins. Fui estudar na cidade de Parintins com 7



anos, e ali fiquei até o 2º grau, brincando o boi. Depois fui para o Rio de Janeiro e acabei me formando pela Escola de Belas Artes em pintura. Para dar prosseguimento a uma discussão sobre arte, que eu senti necessidade, eu resolvi fazer o mestrado da Escola. A Escola tem um mestrado em Artes Visuais com três linhas: 1) uma linha do estudo das imagens e das representações culturais; 2) teoria e crítica da arte; e 3) linguagens visuais. O estudo das imagens e das representações culturais pesquisa os movimentos que têm pelo Brasil. E eu resolvi fazer isso com o tema do boi-bumbá de Parintins, por ter estudado, por ter percebido toda essa modificação, que eu vi desde quando eu saí, e só vi um festival que foi o de 1990, segundo ano depois de terem feito o Bumbódromo.

Durante esses trinta e seis anos, as transformações pelas quais passou o boi-bumbá não foram despercebidas dos estudiosos. Percebe-se que muita gente está vindo pesquisar o boi-bumbá. Hoje, inclusive, eu vi no jornal uma jovem do Canadá estudando etnomusicologia, pesquisando as toadas, e vai apresentar seu trabalho no Rio de Janeiro. Estou em pesquisa de campo pra desenvolver minha tese.

O meu tema é provisório: “Boi-bumbá de Parintins, uma simbiose necessária”. Eu pretendo desenvolver, a partir de uma conotação da simbiose. Até o próprio boi vive uma simbiose com uma bactéria para desenvolver seu alimento. Eu vejo no sentido conotativo essa relação dos dois bois – do Caprichoso e do Garantido – num organismo que se une em benefício próprio, que é o Festival Folclórico de Parintins. Através de uma competição, surge todo esse espetáculo do boi-bumbá. Eles convivem essa dualidade em vários aspectos característicos, os quais vou citar.

São só duas agremiações, e que mantêm todo um espetáculo que está aí há vários anos. Eles dividem uma das cores, que é o branco. Garantido é vermelho e branco; e o Caprichoso é azul e branco. Exaltam a cultura do caboclo amazonense, que, em sua maioria, vive nas várzeas. Os dois usam a mesma palavra para se designarem: contrário. Tudo dentro de uma simbiose que eu vejo isso. Eu pretendo através do Mestrado tentar ver o boi no sentido que é expressado por Chatier, um historiador: “Em toda sociedade, as formas de apropriação dos textos aos códigos, dos modelos compartilhados, são tão ou mais geradores de distinção que as práticas próprias de cada grupo social. O popular não está contido em conjuntos de elementos, que bastaria identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de mais nada, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na





sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. Tal constatação desloca necessariamente o trabalho do historiador, já que o obriga a caracterizar, não conjuntos culturais dados como populares em si, mas modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados”.

Assim, abordado de um ponto de vista de um pensamento artístico, que possibilita a linha de pesquisa do estudo das imagens e representações culturais do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, pretendo desenvolver uma crítica de arte sobre a representação “apoteótica” do boi-bumbá de Parintins, analisando de que maneira o povo parintinense desenvolve essas apropriações. A apropriação pelo Festival possibilita a dinâmica cultural, ao mesmo tempo que indica novos modelos de comportamento. Apesar disso, não nega seu espaço, mas o afirma, representando-o através de uma hiper-realidade: um boi que se movimenta, que mexe com a orelha, mexe com o rabo, come sal, come capim. Eu vejo isso como uma hiper-realidade. As lendas, tentando ser representadas ao extremo, aquele teatro todo que se faz dentro do Bumbódromo.

Renato Ortiz faz uma análise da identidade nacional brasileira afirmando que “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais e em diferentes momentos históricos”. Pretendo analisar a partir desse parâmetro, de que maneira a atual sociedade brasileira, em que o popular, do ponto de vista do folclore, se identifica com o que é mais consumido dentro da emergência da indústria cultural e do mercado do bem simbólico, a cultura popular nacional se relaciona com esse mercado de valorização do regional, no caso, o Festival Folclórico de Parintins. Busco analisar as questões da cultura popular, da comunicação de massa e da indústria cultural, ou indústria da mídia, na festa do boi-bumbá de Parintins. Não só na investigação dos significados manipulados pelos diversos atores que participam da festa, mas das modificações pelas quais esta passa durante trinta e seis anos de manifestação oficial. No decorrer da pesquisa, vou privilegiar a abordagem estética na representação cultural do boi-bumbá de Parintins tomada como híbrido. Híbrido no sentido que fala Canclini em *Culturas híbridas*, estratégias para entrar e sair da modernidade. Ele fala: “Assim como não funciona a oposição abrupta entre o tradicional e o moderno, o culto, o popular e o massivo não estão onde estamos habituados a encontrá-los; é necessário demolir essa divisão em três pavimentos, essa concepção em camadas do mundo da cultura, e averiguar se sua hibridação pode ser lida com as ferramentas das disciplinas que estudam separadamente: a História da Arte e a Literatura, que se ocu-



pam do culto; o Folclore e a Antropologia, consagrados ao popular; os trabalhos sobre Comunicação, especializados em cultura de massa. Precisamos de ciências sociais nômades, capazes de circular pela escalas que ligam esses pavimentos, ou melhor, que redesenhem esses planos e comuniquem os níveis horizontalmente”. É nesse sentido de híbrido que eu pretendo ver como é que se dá essa mistura do índio, do negro, do branco, além dessa apropriação do Carnaval que, por mais que a gente não queira, há. Ela pode ser assimilada de maneira diferente, mas existe.

Para tanto, adotarei dois procedimentos: um de caráter histórico, observando as transformações pela análise de arquivos, especialmente de caráter iconográfico, tais como livros fotográficos, revistas especializadas para turistas, folders, cartazes, jornais, sites na Internet, etc. Outro procedimento de caráter etnográfico consistirá em imagens obtidas em minha pesquisa de campo, que estará baseada não apenas na observação participante e nas entrevistas, mas também na elaboração de um ensaio fotográfico e, possivelmente, um vídeo etnográfico. Na confluência entre esses dois procedimentos, tentarei responder as seguintes questões: como os atores classificam o que eles fazem? Qual a relação dos atores com a indústria cultural?, lembrando que hoje os currais são verdadeiros complexos industriais. Meu objetivo é estudar os modos pelos quais se estrutura culturalmente o festival, verificando sua apropriação por parte dos indivíduos das camadas sociais de maior poder econômico, e até que ponto essa apropriação alterou as representações originais do boi, elaboradas inicialmente pela comunidade de baixa renda. Pretendo, também, analisar as estratégias alegóricas de montagem na apropriação por parte dos artistas, no sentido do que fala, por exemplo, o texto de Walter Benjamin “Procedimentos alegóricos, apropriação e montagem na arte contemporânea”. Ele fala: “A montagem é um procedimento ao qual se aplicam todos os princípios alegóricos: apropriação e subtração do sentido; fragmentação e justaposição dialética dos fragmentos; separação do significante e do significado. A apropriação envolve a transformação tanto daquilo que está sendo apropriado quanto de quem se apropria”.

É nesse sentido que eu vejo o boi-bumbá de Parintins, com todas as coisas que ele foi pegando: o imaginário indígena, o imaginário caboclo, o imaginário do branco; e, dentro disso tudo, ele trabalhou em cima de um tema e transformou em todo esse espetáculo que a gente está vendo aí, e que está se mantendo por 36 anos.





Mêncius Mello

(Músico e secretário do Movimento Amigos do Garantido)

Embora um pouco fora da Universidade, do curso de Ciências Sociais, continuo atuando dentro do boi, e sempre fui uma dessas pessoas que mais defendem essa questão do boi dentro da Universidade. Não vou entrar no plano acadêmico, porque eu acho que essa questão do plano acadêmico *versus* a questão parintinense é muito mais interessante se olhada do ponto de vista do parintinense pra vocês, que estão assistindo, e que podem com certeza, daqui há algum tempo, elaborar um projeto baseado naquilo que essas pessoas estão dizendo, baseado naquilo que eu vou dizer em relação a Parintins. Então, é melhor dar um depoimento mais claro e mais conciso sobre a questão parintinense do que propriamente falar do ponto de vista acadêmico.

Quando recebi o convite, pensei em trabalhar a toada e a tradição oral. O que seria isso? É justamente aquilo que a gente herda dos nossos antepassados, de um ponto de vista muito simples. O colega colocou como o parintinense se vê diante dessa produção. O parintinense se vê de forma simples; é aquela coisa do: “olha já”, mesmo, que ouvi da minha avó, que ouviu da minha bisavó; é aquilo que chegou até mim, dentro do campo do plano oral, daquilo que você consegue absorver. Por que o parintinense não se vê, e ao mesmo tempo se vê, como uma pessoa detentora desse produto? Porque ele é muito simples. Perguntaram ao João Batista (filho de Lindolfo Monteverde, segundo amo do boi Garantido) o que ele achava das toadas, isso agora recentemente, numa homenagem feita pelo boi. Ele disse: “a partir do momento em que o povo parintinense foi estudando mais, a toada foi ficando 'mais grande'”. Então, eu guardei essa frase. E o Simão Assayag, quando um jornalista perguntou: “o Festival de Parintins é alguma coisa de Carnaval?” “Não, o Festival de Parintins tem uma outra história, tem um outro contexto”. O Simão, irritado com esta pergunta, fez um texto para o jornal *O Parintins*, onde ele colocava a questão da propriedade do Festival Folclórico de Parintins enquanto criação parintinense. Eu lembro que ele colocou a questão do capacete, quando alguém perguntou: “mas é um capacete de moto”? Ele disse: “não, o capacete que nós usamos para denominar aquela fantasia que o tuxaua da tribo leva foi uma denominação criada com o tempo, em Parintins, porque a idéia que se tinha era de que aquilo se colocava na cabeça e era, portanto, um capacete. E o cara perguntou: “mas, capacete não é uma coisa pra proteger?” E ele foi explicando o porquê da propriedade e da



criação, esse poder da criação de uma forma empírica. Certa vez, uma pessoa me perguntou se o Festival de Parintins tinha um traço academicista. Eu disse: “o único traço academicista que eu vi em Parintins foi quando o Garantido se autodenominou a Universidade do Folclore”. Mas as coisas em Parintins nasceram dessa questão empírica, da observação.

A mídia ultimamente vende o Festival Folclórico de Parintins, e isso é bom pra quem faz Ciências Sociais, até para entender essa realidade do Festival como um produto turístico, como uma das possíveis redensões da economia desse Estado. E a mídia faz questão de apresentar esse produto como um resgate e como uma identificação, tornando o índio o fator principal da festa, ou seja, como o Carnaval exalta o negro, como outros movimentos culturais nesse país exaltam as miscigenações, o Festival Folclórico de Parintins exalta o índio. E não é assim, gente. A produção, em Parintins, foi baseada nessa observação. Primeiro que o índio surgiu, na época do boi, baseado num seriado da TV chamado *Zorro*. E o ajudante do Zorro era o Tonto. Recentemente Odinéia fez um resgate colocando os índios, como eu saí quando era curumim, vestido de Tonto, com uma pena na cabeça, pena de índio Apache Americano, uma calça de tergal com uma listra aqui na lateral. Então, assim surgiu o índio no Festival, no que diz respeito à questão da tribo. Não que o índio não existisse, existia o linguajar, existia toda uma propriedade de contexto cultural. Da língua, dos costumes, do piracuí do bodó. Mas isso não era entendido enquanto um discurso, como hoje a mídia tenta vender. A própria criação do Festival se deu muito mais por uma questão de apascentar um povo do que propriamente transformar aquilo num produto turístico. A brincadeira do boi foi organizada para evitar brigas. Hoje a mídia dá ênfase à questão do índio como produto embutido no boi, como uma coisa altamente direcionada, criada em função desse fator de venda; e não é bem isso. A questão do ritual surgiu de uma forma também altamente empírica, apenas para complementar uma cenografia. O Caprichoso já havia feito alguma coisa em relação à tucandeira nos idos dos anos 80, e o Garantido veio e fez uma coisa mais grandiosa no Bumbódromo, em 1988. Aí começou a surgir essa idéia de grandiosidade e o complemento do espetáculo.

A tradição oral, que a gente sempre fala, sempre foi algo muito arraigado em Parintins; e essa disputa se deu de uma forma interessante, do ponto de vista das classes. Os bois foram se elitizando dentro das suas proporcionalidades, dentro de suas formas. Aí vai uma questão delicada, o Caprichoso conseguiu ter um pouco mais da chamada classe abastada de Parintins, e o Garantido pegou um pouco menos. Interessante como a burguesia começou a criar a





disputa interna. Então, como Camile Desmoulins, que apoiou a Revolução Francesa em função de ter sido convidado para um banquete e ter sido colocado na cozinha, essa era a questão da burguesia, em Parintins, uma questão de auto-afirmação: “eu faço parte do Garantido, tenho dinheiro; enquanto fulano que é comerciante, tem dinheiro, faz parte do Caprichoso”. Começou-se uma briga de “egos”, de superação mesmo dentre aqueles que alcançavam uma escala social em Parintins. Eu lembro que fui perguntado: “O boi de Parintins é melhor que o boi do Maranhão?” Eu disse: “É diferente. Seria etnocêntrico colocar o boi do Maranhão como algo secundário ao boi de Parintins. Não é. Tem uma beleza muito profunda tanto quanto o Festival Folclórico de Parintins. A diferença é que os bois de Parintins estão enveredando para uma questão pura e simples de sobrevivência econômica para aquele município, o que eu sou plenamente a favor. Eu condeno apenas o discurso hipócrita embutido, de que o povo parintinense fica à margem, porque não entende o porquê de jogar o Festival Folclórico de Parintins dentro de tanto discurso na mídia sem que a coisa tenha tido essa raiz. É uma coisa muito simples, natural. E Parintins carece muito de um projeto que absorva essa capacidade de criação, essa produção artística, por que é impressionante a criatividade das pessoas que nascem naquela terra”. Costuma-se dizer, em Parintins, que, quando um artista morre, nascem dez. Era necessário o Governo do Estado, o poder público, garantir àquele Município, não o academicismo da criação, que a criação é uma coisa que vem da alma, mas o direcionamento para saber a diferença entre Cubismo e Surrealismo na pintura, porque o parintinense começa na pintura, no chão ou na parede, depois parte para dentro dos galpões.

Eu agradeço, antes de tudo, e quero fazer uma referência, pois isso é interessante para o parintinense, para as pessoas que trabalham a cultura em Parintins; é que dentro da Universidade, como a Universidade busca essa aproximação com a comunidade e com a cultura produzida nessa comunidade. Acho que pelos idos de 1991 e 1992, um certo professor chegou no galpão do Garantido, e o pessoal me disse: “tem um rapaz aí; e como tu fala bonito, fala aí com ele, que nós não estamos entendendo o que ele está falando”. Era o professor Sérgio. Quero parabenizá-lo. Ele vem há quase dez anos carregando esse tema, que volta e meia ele está recorrendo, que é o boi-bumbá de Parintins, e tentando desvendar o porquê desse poder de criação dessa manifestação.

Queria dizer para os colegas de Ciências Sociais, que não conhecem Parintins ou que conhecem apenas a participação aqui em Manaus, nos currais,



que se desloquem a Parintins, vocês do meio acadêmico, que estudam e entendem a mobilização social, participem. É impressionante, a gente que vive num meio artístico, em que artistas não conseguem definir por uma questão de não querer, o que é o Festival Folclórico de Parintins, como funciona a questão do boi. Isso é importante até porque você defende valores, você defende idéias, ideologias. Você que faz Ciências Sociais precisa conhecer essa manifestação. Você que tem a capacidade de ir a Parintins, pesquisar no galpão, vá. É muito interessante saber como funciona, como é criado, como é feito, como é idealizado o boi; independente daquela tecnologia toda que é posta na arena, há uma criação muito bonita, muito singela, muito humana dentro daqueles galpões, e no dia-a-dia daquele povo.

A minha contribuição neste discurso é justamente isso, buscar essa identidade não só do parintinense com as pessoas que fazem os bois-bumbás, mas essa identidade do povo amazônico. Pesquisar, saber e conseguir mostrar e provar a todos que aqui a gente produz, de uma forma organizada, a cultura; e que a gente pode dar com essa cultura um meio de subsistência, porque não, de toda uma comunidade, não só em Parintins, como em Manaus; e eu sou francamente aberto a essa questão: “O Festival Folclórico de Parintins vira produto turístico ou não?” Por mim, desde que não perca a tradição, desde que não perca a identidade cultural, vira sim, porque aquele povo precisa se alimentar, aquele povo precisa de emprego, e vocês não sabem o grau de “afavelamento” que Parintins passa nesses últimos anos. O lago do Itaúna, por exemplo, que é belíssimo, hoje está às margens de uma das maiores favelas de Parintins. Então, o boi tem esse fator social a cumprir. Agora é preciso ter cuidado: de que forma e como?

Tony Medeiros

(Cantor e compositor do boi-bumbá Garantido)

Sou Tony Medeiros, cantor, compositor e o terceiro Amo da história do Garantido, papel que desempenho atualmente. Sou estudante de Educação Artística aqui da Universidade do Amazonas. Gostaria de dizer ao professor Paes Loureiro que conheço seu trabalho desde 1990, quando comprei um livro em João Pessoa, chamado *Cantares Amazônicos*. Foi a primeira vez que mantive contato com o seu trabalho. É difícil falar algo, pois temos grandes figuras que fazem um trabalho de pesquisa com a história, com a





cultura, com a arte de Parintins. Gostaria de agradecer às demais pessoas da mesa: professora Maria Laura, Wilson Nogueira, professora Odinéia.

Fiquei um pouco ressentido por fazer arte na Universidade do Amazonas e não me convidarem para a festa. Mas eu vim, eu sou enxerido mesmo. Então, eu anotei algumas coisas e gostaria de citar Marx, que diz que nós fazemos história, num determinado momento, sem a consciência de que nós fazemos a história. Eu dividiria o boi em três fases: 1) a primeira é a fase de rua, onde a história se confunde com o próprio tempo; 2) a segunda, aquele boi desde quando começou o processo de evolução. Nessa primeira fase, fica difícil contar a real história, colhem-se os fatos, e alguns questionam se é certo ou errado. Nessa segunda fase, é muito fácil colher os fatos; 3) a terceira fase, que eu chamo de “boi ritual”, inclusive é aí que eu entro na história.

Lembro que, quando assistia àqueles filmes americanos, eu torcia sempre pelo índio e nunca pelo artista, e chegava triste em casa quando o índio sempre perdia. Então se você entrasse no meu quarto em 1983 e 1984, eu fiz uma maloca. Era um quarto normal, mas, dentro, era uma maloca. Em 1984, ganhei o 4º Festival da Canção de Parintins com uma música chamada “Cantiga Tropical”, que era justamente esse ritmo que hoje o boi chama de ritual, e que veio incorporar em 1999. Em 1985, eu fiquei em segundo lugar com outra música chamada “Filhos do Sol”, onde eu usava refrões indígenas, tambores indígenas, flautas. O boi era só a exaltação da natureza, exaltava a Lua, as estrelas, a morena. Então, eu vim com essa nova forma e era uma barreira muito grande. Diziam: “música de índio não é uma música de boi”. Em 1986, José Carlos Cortidio fez uma música chamada “Maués”, no Caprichoso. O Caprichoso teve inclusive a idéia de levar os Saterê-Mawé para dentro do Bumbódromo para fazer em um ritual, mas da forma deles, e eles cantaram maravilhosamente. Eu vim não apenas com a temática indígena, eu vim com uma nova proposta para o próprio boi, com uma proposta musical. Foi quando o boi mudou o seu ritmo, que antes era condensado das toadas tradicionais. É por isso que eu gosto de dividir o boi em três fases, pois nessa terceira fase eu faço parte desse movimento.

Acho que é a hora de reunir as pessoas que formaram esse movimento e escrever com o amparo sociológico, antropológico essa real história para que ela não se perca no tempo, e passe a ser contada como um fato qualquer. Acho que a Universidade demorou a tratar com seriedade esse assunto. Vale lembrar que quem começou a trabalhar isso dentro da Universidade foram os alunos, principalmente os de Parintins, que começaram a fazer suas mono-



grafias sobre o tema do boi-bumbá. Gostaria de lembrar uma grande figura de Parintins chamada Tonzinho Saunier. Infelizmente a Universidade demorou tanto que Tonzinho se foi antes de um momento histórico como este.

Voltando às três fases, onde a primeira fase trata da origem, que é tão questionável na segunda fase, o Jair Mendes realmente desempenhou um papel fundamental nesse processo de evolução do boi. Muita gente questiona a evolução do boi, mas eu digo que se hoje Parintins tem uma estrutura social razoável, quem é parintinense sabe disso, é muito mais graças ao boi do que aos políticos. Até porque nós fomos pessimamente administrados por dezenas de famílias por quase centenas de anos. Essa terceira fase onde a música, eu falo música porque minha especialização é música, fase que o boi veio trazido pela música. A música sempre vai à frente da imagem. E o boi veio na frente. Lembro que, em 1988, na inauguração do Bumbódromo, a música que concorreu era uma música minha, disputando com uma música do Neto, e a minha música ganhou. A música veio para Manaus, e “Morena Bela” foi um grande sucesso, se tornou uma música mais comercial e mais popular. Foi gravada por um rapaz chamado Renier, que já é falecido. Depois várias pessoas de Parintins formaram grupos e formaram uma espécie de encontros que faziam entre amigos, e o boi foi crescendo, e graças ao empenho do Movimento Marujada e depois dos Amigos do Garantido, nós conseguimos conquistar Manaus, porque é difícil para nós, que somos do interior, vir para estudar, para encontrar algo melhor; a capital assusta. Nós chegamos aqui sem conhecer ninguém, sem ter nada, sem ter um centavo no bolso, e, depois, olhamos e dizemos: “o fulano é jornalista, o fulano é reitor da Universidade”. Nós nos orgulhamos muito, e digo do fundo do coração a vocês, não deixem a Universidade parar, parar em relação à nossa história, a esses estudos sociológicos e antropológicos do boi.

Quando eu entrei na Universidade, eu estava há muito tempo sem estudar, vocês não imaginam a discriminação. As pessoas te olham assim: “Ah! Você canta boi, então só sabe cantar boi”. Até porque a música emitida massacra a gente.

(Pedidos para Tony cantar). Tem uma música do Mestre Lindolfo Monteverde, que tem mais de 50 anos, que eu acho linda e ela diz assim:

*Chegou meu boi Garantido, chegou,
Todo bonito, arrodado de vaqueiros
Tá com pedra recebendo o banzeiro
Na ponta da madeira dando sinal de guerreiro*





*Tá como pedra recebendo banzeiro
Na ponta da madeira dando sinal de guerreiro.*

Uma vez até, quase eu brigo com o filho do compositor de “Saga da Amazônia”. Ele falou assim: “Que música muito bonita, não?” E eu disse: “É uma das mais bonitas da música popular brasileira, mas acho que é uma visão externa da coisa”. Então ele disse: “Então, canta uma música do *Canta Amazônia*, e eu cantei um trecho da música do “Ritual da Tucandeira”, até porque a Amazônia é muito simples, muito pura, e o boi também é isso: está como pedra recebendo o banzeiro.

Marcos Santos

(Bacharel em Comunicação Social/UA e jornalista)

Sou sobrinho do Luís Gonzaga, um dos fundadores do Caprichoso, meu irmão Rubens dos Santos foi presidente do boi, e, durante cinco anos, fui apresentador do Caprichoso, nos anos 1980 e 1981. Depois fui apresentador em 1987, 1988 e 1989. Agora sou coordenador da cobertura do jornal *A Crítica*, pelo primeiro ano, depois de estar no jornal desde 1985. Concordo que a cobertura que a mídia tem dado ao Festival é arrogante, pouco informativa, e que poderia contribuir muito mais se tivesse uma participação mais crítica do meio acadêmico, da Universidade.

Mas eu vim aqui pra falar sobre a minha monografia, que foi “Boi-bumbá – história e lendas”. Eu procurei contar um pouco das histórias do boi de Parintins para tirar algumas idéias que estão consagradas e que, na verdade, foram criadas pelo marketing, principalmente de uma figura que é um dos maiores marketeiros que nós vamos encontrar na história do Amazonas, e que a Universidade deveria um dia dedicar uma tese a ele, porque vai ter muita coisa pra revelar, que é o Paulinho Faria, o apresentador do boi Garantido. Um exemplo disso é que não existe um lugar chamado Baixa do São José, na verdade o lugar se chama baixa da Xanda; só que em Parintins as pessoas são muito religiosas, e ninguém mandava para “aquele lugar”...diziam sempre “vai pra baixa da Xanda”. A baixa da Xanda virou, então, um lugar pejorativo. Em 1976, Ano Internacional da Criança, o Emerson Maia fez uma toada que dizia:



*Eu venho da Baixa do São José,
Saudando a cidade inteira,
No parque das Castanholeiras...*

Então, ele estava mudando naquele momento, uma coisa articulada com Paulinho Faria, o nome baixa da Xanda pra baixa do São José, tirando o pejorativo do nome de quem simplesmente era a mulher de seu Lindolfo Monteverde. Então, é uma coisa que a história passou, e eu procurei contar isso na minha monografia pra gente mostrar que o caboclo de Parintins é esperto, sempre consegue se renovar, e eu considerava o Paulinho Faria, para vocês terem idéia dessa esperteza, insubstituível no boi-bumbá; tanto que, quando eu fui apresentar o boi, fiz um pacto com a diretoria do Caprichoso: “Pessoal, eu vou para diminuir a diferença com o Paulinho”. Porque todo ano o Paulinho ganhava de 5 a 3; 5 a 3, 5 a 3, eram seis pontos Garantidos. Quando eu empatei com ele, nós comemoramos juntos, pois ele era um dos meus melhores amigos, durante duas semanas. Para a época, foi um negócio espetacular, claro que houve quem tenha ganho do Paulinho por 5 a 0; agora, claro que já houve ano que o Paulinho ganhou de 5 a 0. Nem uma coisa nem outra é justa, pois como vocês sabem os jurados do Festival são a coisa mais louca possível, e manipulados de toda a forma. Uma certa feita um jurado deu 10 em todos os itens para o Caprichoso, e 0 em todos os itens para o Garantido. Outra vez, tinha um presidente de comissão julgadora, que, durante cinco anos, deu vitórias pro Garantido. Quando foi num ano, sua mulher decidiu sair na rua e desfilar de vermelho. Foi um escândalo, a mulher do nosso amigo Satuca desfilando de vermelho. Ele disse: “eu falei pra essa abestada pra não sair de vermelho, que eu ia continuar dando o título pro Garantido por mais dez anos, agora eu vou ter que dizer: eu sou Garantido”. Ele acabou ficando estes últimos dez anos na diretoria do Garantido. Algenor Teixeira, que é advogado da prefeitura de Parintins, eterno advogado, continua na cidade, conhecido como Satuca, é declaradamente Garantido, e assegurou durante cinco anos a vitória para o boi do povão.

Aliás, essa história do “boi do povão”, no ano em que meu irmão foi presidente do boi Caprichoso... Meu irmão, filho de um pescador e estivador, de uma família muito humilde... O presidente do Garantido era o Zezinho Faria, dono da loja JP, que àquela altura tinha filiais em Maués, Óbidos, Oriximiná e Belém, que andava com o carro do ano em Parintins, e meu irmão nem carro tinha, andava em uma moto 70, muito barulhenta. Então, o boi da sociedade andava de moto e o “boi do povão” andava num carro importado, do ano. Isso surgiu porque o José Maria Pinheiro, um radialista,





que foi quem revelou o Paulinho Faria, e o levou pra rádio, começou a dizer pela cidade que o Caprichoso era o boi da sociedade por causa do item miss do boi. As pessoas de Manaus começaram a ir ao Festival e virou tradição levar a miss Amazonas para ser miss de um dos bois, mas antes a miss era parintinense, porque o boi era local, e o Caprichoso tinha sempre as meninas mais bonitas da cidade para o item miss do boi, e as meninas da cidade eram tantas querendo desfilar no Caprichoso nesse item, que o Caprichoso criou uma torcida organizada, que tinha 20 meninas que entravam na frente com bandeirinhas, e desfilavam na frente do boi, fazendo uma encenação, e que eram meninas da sociedade parintinense, as meninas filhas do pessoal mais rico, e algumas pobres ali pelo meio. Mas o José Maria Pinheiro, pra chatear o Garantido, dizia que elas eram da sociedade, e que o Caprichoso era o boi da sociedade por causa disso. Paulinho pegou o gancho, montou um sistema de som na JP, montou uma pick-up, colocou o som em cima e saiu pela cidade atrás do Zé Maria. O Zé Maria na frente esculhambando com o Garantido e ele atrás esculhambando com o Caprichoso. Essa história fez com que a cidade se levantasse, e se criou um clima tão difícil, conflituoso, que num determinado momento houve tiros na cidade. Entrava-se num bar, aí começava a discussão, alguém falava do Garantido, outro falava do Caprichoso e a confusão começava. Era um barril de pólvora, a cidade. No momento desse tiro, foi quando começou a divisão da cidade. Da Catedral, da rua Clarindo Chaves pra cima é Garantido, da Clarindo Chaves para baixo é Caprichoso. O Caprichoso contesta isso, e acha que é a partir da Cordovil, onde foi o último curral do Caprichoso, antes de se instalar onde está hoje.

Essas histórias que as pessoas não sabem, e que quando cai no ouvido de um neofanático, que é a pior figura que existe no boi, o sujeito que foi no Festival, viu e gostou e voltou pra Manaus sendo o dono do boi, é o sujeito que mais conhece e que entende tudo de boi e não admite que ninguém fale mal do boi. Há uma história muito engraçada: outro dia, acabava de ser nomeado editor-executivo do “A Crítica”, e recebo um telefonema de um sujeito que dizia o seguinte: “olha, Marcos, é o seguinte: você está sendo muito parcial nesta cobertura do boi, e eu quero lhe comunicar que você está despedido, nós fizemos uma reunião com a Dona Cristina, e ela disse que podemos despedir quem for parcial na cobertura do Festival, você está sendo parcial, você é Garantido...”. Eu disse: “Meu amigo, que autoridade você tem pra dizer que eu sou parcial, ainda mais pro Garantido. Todo mundo que entende um pouco de boi sabe que eu sou Caprichoso de nascimento, de corpo e alma...” Então, esse é o neofanático que apresento a vocês, e que existe aos



milhares, e que temos que conviver com eles no dia-a-dia, e que são bem-vindos, pois o fanatismo foi a origem do Festival, e o neofanático certamente vai aproveitá-lo pra levá-lo adiante.

Mas em 1993 eu fui convidado e ajudei a produzir um vídeo chamado “Boi-bumbá no planeta água”. Foi um vídeo que teve como diretor Edílson Martins, e como cinegrafista e diretor de fotografia, o Silvester Campi, que é o diretor daquele programa “Esportes Radicais”, que o Fantástico exibe de vez em quando. É um alemão que está há mais ou menos 15 anos no Brasil, e foi trabalhar conosco. Nós usamos o que tinha de melhor de equipamento. Eu tive como auxiliar de produção Nelson Brilhante, que é um radialista, que está se formando agora pela Universidade do Amazonas. Fui co-diretor de produção e nós conseguimos 10 minutos no Fantástico, um bloco inteiro, com narração da Fátima Bernardes, e conseguimos mais três minutos na CNN, com Paulo Henrique Amorim fazendo a cobertura e botando esse material lá, o que deu uma repercussão muito boa. A gente até suspeita que foi aí que nasceu a figura do Braulino com seu “Tic-Tic-Tac”, que foi um sucesso com o Carrapicho, porque o Braulino foi um dos personagens que a gente garimpou em Parintins, ele que é pescador e autor de toada. Então, nós o pegamos pra falar sobre o lado do pescador, no lado do Garantido, como o pescador que faz toadas; e o Horácio, que foi destaque no vídeo, cresceu muito, até como um caboclo, que se revelou como ator, fez um trabalho muito legal. Os dois foram nosso fio condutor, nós mostramos que o boi existe em função do Universo. Nós mostramos que o Boi surge das barrancas, do igarapés, dos lagos que rodeiam Parintins, que são muitos, e que são realmente um universo à parte, por isso o título do vídeo é “Boi-bumbá no planeta água”.

Quero dizer que, como parintinense, que viveu lá até os 20 anos, eu não tenho nenhum preconceito contra aqueles que gostam do boi, gostaria de agradecer àqueles que ajudaram a dar um pouquinho de contribuição, a crescer um pouquinho essa festa aqui que é um caldeirão, que representa muito pra todos nós do Estado do Amazonas, no Brasil. Eu ouvi fora do Brasil várias vezes o “Tic-Tic-Tac” tocando. Isso enche a gente de orgulho, é uma coisa que faz arrepiar. É gostoso de se ouvir que a terra da gente, o país da gente está sendo lembrado fora daqui, pois a gente é quase sempre lembrado por causa da miséria e das dificuldades. Espero que agora, com a con-





tribuição da Universidade do Amazonas, o boi dê um pulo de qualidade e que não perca suas raízes, porque nossas raízes são muito importantes e nós devemos preservá-las.

